

Ana Rita Reis Brito e Teixeira

# **O BATUQUE NA VERTENTE LITERÁRIA**

## **A GERAÇÃO DO PANTERA**



**Licenciatura Em Letras – Estudos Cabo-verdianos e portugueses.**

ISE:

Ano de defesa Julho 2006

**Ana Rita Reis Brito e Teixeira**

**O Batuque Na Vertente Literária:  
A Geração Do Pantera**

«Trabalho Científico apresentado no ISE para obtenção do grau de Licenciado em Letras,  
Estudos Cabo-verdianos e portugueses, sob orientação do Doutor José Maria Semedo».

## **Instituto Superior De Educação**

Elaborado por: **Ana Rita Reis Brito e Teixeira.** Aprovado pelos membros do júri. Foi homologado pelo Conselho Científico como requisito para a obtenção do grau de Licenciado no ensino de Estudos Cabo-verdianos e Portugueses.

Os membros do júri:

.....  
.....  
.....

Praia 2006-01-02

## **Dedicatória**

À todos aqueles que de uma maneira ou de outra  
Contribuíram para o meu sucesso; e em especial,  
Cirilo Garcia Brito e Matilde Reis Brito, meus pais;

À Minha família com muito carinho e gratidão,

***Dedico estas páginas.***

## **Agradecimentos**

A elaboração deste trabalho requer a mobilização de esforços de um conjunto de pessoas que directa ou indirectamente deram a sua contribuição para a sua execução. Não poderia deixar de expressar a minha profunda gratidão ao:

- Dr. José Maria Semedo, pela sua superior colaboração, cuja orientação foi a condição necessária para a execução dessa abordagem;
- Corpo docente do ISE, com destaque especial aos ilustres Mestres do departamento de Línguas Cabo-verdiana e portuguesa que têm proporcionado o aumento da minha performance linguística e histórica, e por conseguinte a objectivação deste facto;
- Dra. Fátima Fernandes, pelo incentivo à determinação face aos obstáculos encontrados no início do curso;
- Dr. José Maria Barreto, director do Palácio de Cultura “Ildo Lobo”, pela cooperação em facultar alguns escritos;
- Dr. Manuel Veiga, Ministro da Cultura, pelo incentivo e apoio psicológico na escolha do tema que remete para a Identidade Cultural Cabo-verdiana;
- Aos meus caros amigos e companheiros da peleja, pela colaboração em matéria da documentação um «muchas gracias»;

- Aos funcionários de Arquivo Histórico Nacional, que amável e incansavelmente colocaram a documentação a nossa disposição.
- Cumpro formular especial agradecimento aos nossos entrevistados, em especial a Carla Garcia, esposa do Orlando Pantera, a Lura, através das respostas no sítio, o Tcheka, o grupo “Pó Di Terá”, o grupo Terreiro Dos Órgãos, o Princesito entre outros informantes chave.
- Não poderia deixar de prestar um agradecimento peculiar ao ***MEU ESPOSO YVAN TEIXEIRA***, que esteve sempre do meu lado, disponibilizando toda a sua coadjuvação e benevolência.

## **Pensamento**

Como é formosa  
E majestosa  
A minha amada  
Terra natal!

**Pedro Cardoso.**

## Índice

Dedicatória-----	3
Agradecimento-----	4
Pensamento-----	6

### I

1.1- Nota Metodológica-----	9
1.2- Justificativa da escolha do tema-----	11
1.3- Objectivo-----	11

### II

2.1- Conceito de Batuque-----	13
2.2- Historial e contexto social em que normalmente aparece o Batuque-----	14
2.3- Definição do Batuque na Vertente Literária-----	16

### III

3.1- A Designação “Geração Pantera”- Sua Bibliografia-----	18
3.2- Exemplo de alguns autores desta modalidade musical – “Novo Batuque”-----	29
3.3- O Batuque na Diáspora-----	33

### IV

4.1- Exemplos de algumas composições produzidas por artistas da “Geração Pantera”-----	37
4.2- Análise dessas composições-----	43



V

Conclusão -----45

Bibliografia -----47

Sítios-----49

## **Capítulo I**

### **1.1 Nota Metodológica**

A escolha do tema, Batuque Na Vertente Literária, se deve fundamentalmente ao interesse deste passado recente que permanece ainda, fazendo parte da Cultura Cabo-Verdiana, com a nova roupagem.

Para dar vazão a este tema, seguimos os seguintes procedimentos metodológicos:

- Pesquisa bibliográfica;
- Documentação no Palácio de Cultura “Ildo Lobo”
- Documentos de Arquivo Histórico Nacional;
- Jornais e revistas periódicos;
- Dispositivos legais (decretos, portarias e legislações)
- Documentação do centro Instituto Camões;
- Entrevistas com informantes chaves;
- Contacto com personalidades com conhecimentos de causa sobre a temática;
- Análise dos dados estatísticos.

A recolha de dados será feita através do gravador (MP<sub>3</sub>), da câmara digital e dos sítios. O texto produzido por estes artistas será escrito na sua forma vernácula, daí que possivelmente encontremos algumas expressões no Caboverdiano.

Eis o procedimento metodológico, traduzido em seus métodos e técnicas que nos serviu de base para a elaboração deste trabalho.

## 1.2 Justificativa da escolha do tema

O trabalho de investigação cujo tema, *Batuque na Vertente Literária*, surge da necessidade de responder um dos imperativos do regulamento interno do Instituto Superior de Educação, de apresentar no término do curso, um trabalho de investigação para a obtenção do grau de Licenciatura em ensino de Letras, vertente Estudos Cabo-verdianos e Portugueses.

Esta tese, *Batuque na Vertente Literária*, A Geração do Pantera, enquadra-se no 30º aniversário da Independência de Cabo Verde.

## 1.3 Objectivo

Pretende-se com esta pesquisa, desvendar até que ponto o Batuque da ilha de Santiago resistiu e conseguiu se converter numa das mais impetuosas e prezadas tradições do povo cabo-verdiano no país e na diáspora, como disse o ilustre Primeiro Ministro, Doutor José Maria Neves. Também é imprescindível frisar que um dos objectivos fulcrais desta alegação, é atestar que o Batuque, não é apenas *uma mistura de sons e dança rude africana*<sup>(1)</sup>, mas sim, um dos elos mais forte da nossa cultura, ganhando espaço cada vez mais para entrar na Literatura Oral de Cabo Verde. Ou seja, *pode-se considerar enquanto letra, o Batuque uma verdadeira Literatura Oral, poeticamente organizado, onde aparece enquadrado, um conjunto de usos e costumes, reflexões e análises a partir da nossa realidade sócio-cultural*<sup>(2)</sup>.

---

(1) Do ponto de vista europeu.

(2) SILVA, Tomé Varela da. *Finasons Di Ña Nasia Gomi –Tradisons Oral di Kauberdi*, Página 14.

A música pode ser considerada um dos universais da cultura. Todos os povos tem a sua cultura, ainda que esta possa ser simplesmente vocal ou então instrumental. Daí a enorme variedade de instrumentos musicais, englobando desde os mecanismos mais ou menos primários, até aos instrumentos relativamente complexos.

É de notar, que neste presente conjuntura, o Batuque ganhou maior espaço e mais vitalidade em relação a décadas anteriores.

Desde os meados do século XX que esta manifestação se encontrava em decadência, ou seja a cair em desuso. Apenas a persistência de um apego à tradição e um certo orgulho cultural, poderão estar na origem da sobrevivência desta forma de música e dança. Na altura, cada vez se realizava menos sessões de Batuque. Nas festas de casamento e nas sessões como actividades de puro lazer, estavam a ficar cada vez mais raras, todavia, a partir de 1974, com o movimento de valorização de todas as formas da cultura Nacional, o Batuque conheceu um certo “renascimento”.

## Capítulo II – Desenvolvimento.

### 2.1 Conceito de Batuque:

O **Batuque**, também designado de “*Sambuna*”, representa o género tipicamente africano (segundo os teóricos, provavelmente de origem sudanesa), cantado e dançado normalmente por mulheres, das quais uma parte fica sentada em semicírculo à volta de uma ou mais dançarinas que cantam o texto. As mulheres sentadas batem o ritmo com as mãos sobre os elementos substitutivos das percussões (embate), em particular **os panos** <sup>(1)</sup> enrolados e recobertos de plásticos, apertados entre as coxas.

A rítmica conserva traços do complexo e irregular do sistema africano, cujo elemento musicológico comum de base, é constituído pela designação “**African Time Line**”<sup>(2)</sup>. A dançarina-cantora inicia um baile com amplos movimentos das ancas, e um canto lento, sucessivamente o ritmo, a dança e o canto tornam-se cada vez mais rápidos até atingir uma espécie de clímax. É designado de *txabeta*, “*que impõe maior vigor ao canto e à dança, que passa a ser o torno*”<sup>(3)</sup>. Nesse momento entra em cena uma segunda dançarina-cantora e retoma-se a sucessão anterior.

---

(1) O **pano** é uma peça de tecido com cerca de dois metros de comprimento, de origem africana ocidental, muito procurado nos séculos passados como objecto de vestuário, mas também utilizado como moeda de troca. Este tecido de Cabo Verde era apreciado particularmente pela fineza dos desenhos e das cores, sobretudo nos séculos XVI – XIX. Hoje são vestidos ou como xailes, ou como faixa colocada nos vestuários, ou então é colocada debaixo da cintura. Enrolado e bem apertado serve de instrumento de percussão batido com as mãos nuas.

(2) **African time line**, conceito musicológico de formulação recente, é considerada como elemento base da estrutura rítmica estratificada de parte da música africana. O ritmo baseia-se em módulos rítmicos breves e cíclicos, dos quais um ou mais fazem de unidades constitutivas de base ou de estrutura subjacente à forma musical. Do som simultâneo de diferentes formulas rítmicas que se referem ao mesmo metro, nasce uma música poli rítmica muito diversificada.

(3) SEMEDO, José Maria, TURANO, Maria R. O Ciclo Ritual Das Festividades Da Tabanca, página 88.

O Batuque é um dos géneros musicais que sobreviveu sobretudo na ilha de Santiago, (e também no fogo outrora) nos quais a linha melódica é menos enfatizada a favor duma poderosa componente rítmica de clara matriz africana. Nas duas ilhas permaneceram durante séculos os escravos que tinham conseguido fugir “**badius**”<sup>(4)</sup> e que conseguiram conservar melhor a memória dos usos do continente africano, embora pertencendo a comunidades de origem diferentes.

As contribuições culturais dos escravos libertados no Brasil e nos Estados Unidos e regressados aos lugares da deportação final, enxertaram-se neste tronco africano comum, dando lugar a uma particular identidade musical cabo-verdiana. No género Batuque, o elemento coral é forte. As harmonias são extremamente simples e prevalece a modalidade repetitiva, bem como a improvisação. Normalmente o/a cantor(a) dirige-se ao coro que lhe responde.

## 2.2 Historial e Contexto Social em que normalmente aparece o Batuque:

A origem do Batuque não é certa, mas alguns teóricos dizem que parece relacionar-se com a antiga cultura feminina africana, na qual as mulheres costumavam libertar-se da dor da viuvez, da perda dum familiar ou mesmo na partida de uma filha dada ao casamento através da catarse (purificação) procurada pela experiência da dramatização da sua historia individual e o concedimento do transe por uma dança frenética.

Manuel Ferreira afirma na *Revista Claridade*, que o Batuque da ilha de Santiago é de origem africana

Uma outra explicação, pouco provada, diz se tratar de um antigo costume dos ricos proprietários de escravos que tencionavam assim oferecer o melhor das próprias escravas aos hóspedes de consideração.

---

(4) **Vadio**, segundo António Leão C. E. Silva, (cit.) – *Vadio é exactamente, o preto livre refractário à escravidão e as suas decorrências*. É o que recusa a condição de escravo e o controle das instituições dominantes. A sua marginalização é simplesmente um acto de resistência social (à escravatura e ao trabalho assalariado); e cultural (“ignorantes da doutrina cristã”, “andam sempre nus afeitos a mancebia...”).

Afirma-se que o Batuque *é a forma musical mais velha de Cabo Verde (...)*. Uma das descrições mais antigas do Batuque é dada pelo engenheiro José Conrado Carlos de Chelmickri, em 1841. Este autor assinala que esta manifestação ocorre aquando dos “baptizados, casamentos,” entre outras actividades, e faz a seguinte descrição:

*“Toda esta negraria senta-se em círculo (...), e no meio entra a balhadeira, vestida à moda do país, largando somente o pano dos ombros e apertando-o bem à cintura.*

*O coro começa mui lentamente as suas cantigas, graduando e ora cantando com certa languidez ora gritando apressadamente; todos acompanham (...) batendo com palmas das mãos nas pernas.*”<sup>(5)</sup>

Segundo os escritos de José Maria Semedo e Maria Turano, quando o Batuque se delonga, um solista canta o “finason” no interior do círculo, onde muitas vezes os cânticos são improvisados. Os temas retratados normalmente são os aspectos sociais, regras morais e comportamentais. Também os conselhos, os provérbios, as piadas e as propagandas políticas são utilizados no Batuque. O Batuque desde 1991 vem sendo utilizado durante as campanhas eleitorais, e vem ganhando contornos e eficácia na transmissão de mensagens políticas.

Desde os meados do século XX que a manifestação do batuque se encontrara em desuso. Apenas a persistência de um apego à tradição e o orgulho cultural poderão estar na origem da continuidade desta forma de música e dança, afirma os antropólogos. Na altura cada vez se realizava menos sessões de batuques nas festas de casamentos, baptizados ou actividades de lazer.

Durante o último período colonial, a partir dos anos 30, segundo informações recolhidas, o Batuque, bem como outras formas musicais tradicionais foram muito combatidas pelas autoridades portuguesas e pela igreja. Também com as fomes e imigração, a transmissão oral de geração em geração dos elementos próprios e tradicionais do batuque foi sofrendo roturas e deturpações.

Actualmente há adopção cada vez maior de modas musicais importadas, o que contribui para o enriquecimento e aparecimento do novo ritmo musical: É o chamado Batuque na vertente literária – a Geração do Pantera.

---

(5) GONÇALVES, Carlos. In Kab Verd Band. *(Obra a publicar)*



## 2.3 Definição do Batuque na Vertente literária.

De acordo com alguns entrevistados, o “Batuque actual”, devido a mistura de outros ritmos, diverge um pouco do “Batuque tradicional”, fazendo com que o outro ganhe mais espaços, maior dimensão e sobretudo mais estética, especialmente na diáspora, em relação a Batuque tradicional. Devido também ao seu teor musical, “O Novo Batuque” está sendo mais apreciado pelos artistas, pelo público, pelos defensores da cultura, e até pelos políticos. Diz o Primeiro-ministro Dr. José Maria Neves, que “o Batuque está na moda”,<sup>(6)</sup> e cita os grandes vencedores dos prémios dessa modalidade musical. A cantora Lura também partilha da mesma opinião: “Batuki sta na moda”<sup>(7)</sup>

Segundo o artista Tcheka, à semelhança do que aconteceu com o funaná, género musical de grande projecção no país e além fronteiras, o Batuque acabou por ser apropriado por jovens artistas como Orlando Pantera, falecido em 2001, Princesito, “eu” (o Tcheka), Lura, Vadú e Bino Branco, que introduziram instrumentos como o violão e a percussão na sua execução, dando assim origem ao chamado “Novo Batuque”, ou seja, Batuque na Geração do Pantera, que é uma espécie de Literatura Oral de Cabo Verde. Retrata aspectos antropológicos do cabo-verdiano.

Manuel Ferreira afirma que o “Finaçon” (as literaturas do Batuque) *“tem um certo carácter de romancero, embora sem regularidade métrica; chego a esta conclusão pelo aspecto narrativo e também lírico na evocação das coisas, pessoas, acontecimento, transparente em vários finações que agora conheço”*<sup>(8)</sup>

Em conformidade com o que nos disse o teórico Ferreira, o linguista e escritor Dr. Tomé Varela partilha também a mesma posição. Passo a citar, *“pode-se considerar enquanto letra, o Finaçon uma verdadeira Literatura Oral, poeticamente organizado, onde aparece enquadrado, um conjunto de usos e costumes, reflexões e análises a partir da nossa realidade sócio-cultural”*.<sup>(9)</sup>

Este novo estilo de música é mais rico em termos do conteúdo, mais literário e mais admirado, e é feito baseado nos fenómenos sociais, políticos e culturais da nossa vivência no dia a dia.

---

(6) Por ocasião ao 30º Aniversário da Independência de Cabo Verde.

(7) Por ocasião ao 19º edição do festival da Gambôa na cidade da Praia.

(8) FERREIRA, Manuel. Claridade, Revista de Arte e Letra. A.L.A. 2ª Edição. Página 43.

(9) SILVA, Tomé Varela. Finaçon di Na Nacia Gomi. I.C.L. Página 14

O Novo Batuque precisa ser enquadrado na literatura oral cabo-verdiana. Devemos preservar o que é nosso, pois é a melhor forma de defender e valorizar a nossa identidade cultural.

O Primeiro-ministro cabo-verdiano afirma que o Batuque ganhou um novo espaço com o Pantera. Este fez com que o Batuque ganhe mais ritmo e mais originalidade, formando assim a nova geração do Batuque.

A resistência cultural é imprescindível para que haja a identidade cultural. Nesta perspectiva, os nossos povos lutaram sempre para preservar a essência da sua personalidade cultural, resistindo a persuasão, sobretudo nas sociedades tradicionais e nas áreas rurais.

É fundamental que zelemos pelo que é nosso, só assim seremos capazes de ter a nossa própria analogia.

## **Capítulo III**

### **3. A Geração Do Batuque Pós Independência – 2ª República:**

#### **3.1 A Designação “Geração do Pantera” – Sua Bibliografia:**

Orlando Pantera, foi e é um dos grandes nomes da geração do Batuque pos-Independência, morreu aos 33 anos, mas em Cabo Verde já era um mito. Há quem fale em Orlando Pantera como a maior descoberta musical da década. Assim ficou espalhada a música dele.

Não gravou nenhum álbum, morreu antes disso e neste momento a única maneira de ouvir uma obra que todos dizem ser de grande qualidade é copiando-a a partir do material disperso que deixou, ou então através dos interpretes, onde temos o famoso exemplo da Lura.

Considerado precursor de um novo estilo na música cabo-verdiana, foi compositor (poeta, diriam alguns), cantor, multi-instrumentista e só nos últimos anos de vida é que cantou em público. Musicava os homens e mulheres do campo, o amor e suas decepções. Desenterrou géneros tradicionais da ilha de Santiago esquecidos pelas gerações pós-independência e, sem os reproduzir mas respeitando-os, criou o seu estilo, admirado por consagrados e jovens.

Não gravou nenhum disco, mas o espanto multiplica-se: génio de sensibilidade extrema e força criativa intensa; inovador e autêntico; criador de um mundo poético belíssimo; excelente compositor de canções. Um artista que iria ser uma "revelação", impulsionador de uma música aberta a influências com potencialidades para correr o mundo.

Quando Pantera foi exibido no “B. Leza”, em Lisboa, no documentário “Mais Alma”, de

Catarina Alves Costa, sobre a situação dos artistas cabo-verdianos, Pantera tinha forte presença ao longo de uma hora. O espaço estava a transbordar de gente. Foi exibido segunda vez e voltou a esgotar.

Pantera morreu jovem, vítima de pancreatite aguda, a 1 de Março de 2001, no dia em que ia começar a gravar em França o primeiro álbum, "Lapidu na Bô"/ "Colado a Ti". O determinismo fatalista fez ainda notar: desapareceu com a idade de Cristo, 33 anos.

"Tenho a certeza que não vou ver mais nenhum génio como ele. Só há dois ou três num século. Foi um cometa: passou para dar luz. Comparo-o a Jim Morisson. Acho que vai inspirar muitos jovens. A sua maneira de ser, de estar, de viver, a sua gentileza... Era quase patético, o talento dele era tão imenso... Cabo Verde não vai ter um artista assim nos próximos 50 anos. Como Pelé, no futebol, ainda andámos à procura de um...", diz, emocionado, Elísio Lopes, da editora francesa Morabeza Records, onde Pantera iria gravar duas músicas de "Lapidu na Bô", o disco em que apresentaria ao mundo o projecto "Racodja"/ "Recolha", resultado de uma pesquisa dos géneros tradicionais desenvolvida ao longo de mais de 10 anos na ilha de Santiago.

Património. Não há disco, mas circulam vários registos pelos que, de repente, se tornaram fãs. Só que, em breve, Pantera poderá ser ouvido sem ser por "portas travessas". A Morabeza Records vai editar um álbum póstumo sem data marcada; quer fazê-lo "sem pressa, para produzir um disco de qualidade", tal como o tinha pensado o músico, recolhendo as suas músicas, sobretudo aquelas em que Pantera era protagonista.

Clara Andermatt, com os co-produtores Teatro Nacional São João, Ministério da Cultura e Montepio Geral editará a banda sonora de "Dan Dau", espectáculo da coreógrafa com quem Pantera trabalhou de 1998 a 1999, altura em que viveu em Portugal. Será uma edição limitada de dois mil discos (o objectivo é acompanhar a digressão da coreografia em Setembro), susceptível de aumentar se o mercado o exigir. A coreógrafa dedica o CD à memória de Pantera, que participa em cinco das oito músicas. Entrará no circuito comercial em Novembro.

Mas onde é que está este património musical?

Ao que tudo indica, a maioria do material gravado em estúdio está nas mãos do compositor João Lucas, um dos sócios do estúdio lisboeta Luminária, onde Pantera chegou a agendar, para Fevereiro, a gravação de algumas músicas do primeiro disco (nem a mulher de Pantera, Carla Garcia, nem Lucas sabem porque é que desistiu da ideia).

Foi no Luminária que, em 1998, Pantera fez experiências a pensar nesse disco que não finalizaria: cinco músicas a solo, entre as quais "Batuko", incluída no CD de "História da

Dúvida" (outro espectáculo de Andermatt), para o qual compôs ainda, com João Lucas, "I am a professional", integrada também em "Dan Dau". Aí gravou ainda cinco músicas para o espectáculo do Raíz de Pólon (grupo ao qual esteve ligado desde 1997).

Existem também compilações com músicas de Pantera: "Verão 2000" e "Filhos do Funaná"; sete composições em discos de outros intérpretes, Mário Rui, Djudja, Grace Évora, Pentágono, Filipe, Lura e Tubarões.

Para além disso, Carla Garcia, com quem Pantera viveu durante oito anos e de quem teve uma filha (Darlene, com seis anos), já reuniu cerca de 34 temas dispersos de um artista "que dava as músicas a toda a gente". Garante: "há muitos mais". Por agora desconhece a qualidade do material que tem em mãos, e a sua extensão, até porque aqui em Cabo Verde não existe uma instituição que proteja os direitos de autor - o músico registou as suas obras em França.

Juntamente com um advogado, Carla está a registar o património que Pantera deixou por registar: as músicas de que apenas existem as letras que Pantera ia anotando em papéis; as que se encontram nas mãos de músicos com quem gravou e tocou; as que gravou em ensaios e as que nunca foram escritas, porque ele e os outros as sabiam de cor; as músicas infantis que compôs com as crianças a quem ensinava música.

"Existe um aproveitamento da obra do Pantera porque ele confiava em toda a gente, era muito espontâneo, dizia às pessoas que podiam gravar as músicas dele e, que eu saiba, nem recebia contrapartidas financeiras. Nunca o ouvi falar em dinheiro", conta Raul Ribeiro, dos Arkorá, grupo com quem Pantera ia gravar em Portugal, no Praça das Flores, algumas músicas do seu disco.

"O disco iria criar um espaço próprio. Daqui a uns anos teríamos os frutos disso", é a convicção de Ildo Lobo (ex-Tubarões). Também a cantora Celina Pereira, a residir em Portugal há 35 anos, vê em Pantera uma revelação, que a morte está a transformar em mito. "Quando conheci Pantera tinha o violão nas mãos e dedilhou uma coisa que parecia o 'Summertime'. Comecei a cantar... Foi logo uma empatia que se criou ali...Ele tinha uma enorme preocupação com uma lacuna que existia, com a relação dos cabo-verdianos da diáspora com a música tradicional, de eles só ouvirem o zouk [género comercial, de dança]". O que foi e o que poderia ter sido, mesmo com o material disperso, mesmo que a fraca qualidade técnica justifique que se retire a sua voz de algumas gravações para a colocar por cima de temas recriados, há vontade de que a obra seja editada. A ideia, explica Carla, é editar o disco que Pantera tinha previsto e depois, se houver material suficiente, um outro.

Porquê tanto interesse em lançar um disco de alguém que nunca chegou a ter carreira internacional e que só pouco tempo antes de morrer começou a cantar em público, depois de

Manu Preto, do Raíz de Pólon, ter insistido para que ele subisse ao palco e mostrar que, ao contrário do que dizia, sabia cantar?

João Lucas responde: "uma das coisas mais chocantes" para quem conheceu Pantera foi a sua morte ter acontecido "num momento em que ele iria ser uma revelação. É fácil imaginá-lo a disputar o mercado da 'world music'... A música, inspirada em folclore e nas tradições, tinha um grande trunfo: a vontade de encontrar uma originalidade sem prejuízo da autenticidade". Quando tocava a solo, voz e guitarra - revelava "qualquer coisa de ancestral, e ao mesmo tempo um virtuosismo e uma grande autenticidade", descreve Lucas. Quem conheceu Pantera, acrescenta ainda, "fala dele com o respeito por um artista cosmopolita", tão grande como os grandes, "como o senegalês Youssou N'Dour" - que têm discos no mercado.

Vladimir Monteiro, jornalista e autor do livro "La Musique de Cabo Verde" (editado em França pela Chandaigine), "é inequívoco ao enquadrar Orlando Pantera no contexto cabo-verdiano": "Um dos melhores compositores e intérpretes da última década. Colocá-lo-ia na categoria dos novos estilos, ao lado de pessoas como Vasco Martins ou Mário Lúcio (dos Simenteira). Em termos de texto tinha tudo para vir a ser um novo Manuel d'Novas [músico intérprete de Coladeras], porque são textos ricos, bem pensados onde há uma certa filosofia e preocupação em introduzir a palavra certa, no momento certo", define.

Teresa Cascudo, crítica de música clássica do PÚBLICO, ressalva a dificuldade em falar de alguém que nunca gravou um disco. "Aí é que está o drama: o que ele foi e o que podia ter sido", e de uma música que conheceu sobretudo "pelos olhos" de quem a faz. Mas, ainda assim, destaca um repertório que investe na identidade e segue uma via "que tem a ver com a atitude que existe na música erudita ou no jazz, onde há lugar para a pesquisa, e em que o objectivo é a fusão, aproveitando diversas tradições, incluindo a própria." Pantera tinha "o sentido de dramaturgia, a capacidade de criar uma história do princípio ao fim e um mundo poético muito belo", qualidades que o tornariam "num maravilhoso criador de canções". Recorda a "vitalidade intensa e o optimismo militante" de alguém que "fazia música por uma questão de vida ou morte: como respirar.

Para Elísio Lopes, Pantera corresponde a uma evolução da música cabo-verdiana: "Tem uma abertura extraordinária ao mundo e ao mesmo tempo aproxima-se da raiz de Cabo Verde e do continente africano. A dor da realidade da vida, tão difícil para seres humanos sensíveis como ele, está presente na sua música e na sua interpretação".

Há ainda, para Clara Andermatt, uma componente cultural decisiva: a música de Pantera tem mais "alma cabo-verdiana" do que influências internacionais. "A musicalidade é a da alma dos cabo-verdianos: uma mistura de aceitação das condições em que vivem e uma paz

nessa tristeza".

Cantava com o corpo todo. Quem viu Pantera em concertos descreve a metamorfose, nos palcos, de um homem tímido. Ninguém diria que desde miúdo ele pedia a outros para cantar as suas músicas, "porque de cada vez que cantava ficava rouco", achava que não tinha voz.

Segundo conta a mãe, ao jornal "Expresso" tudo começou com Mário Rui, o amigo cantor, numa altura em que nem ela nem o pai tinham dado conta que o filho se tornaria músico, mas ele já rondava o avô materno para lhe ensinar a tocar gaita e acordeão, e contava à mãe que se deitava a pensar em músicas que ia escrever a meio da noite. Mário Rui tinha a viola em que Pantera tocou as primeiras notas e foi com ele que experimentou o cavaquinho, a flauta, depois de fazer música com as latas que punha entre as pernas, diz a mãe.

Na altura em que começou a cantar em público, a maioria dos espectadores talvez ainda não associasse o seu nome ao do compositor que havia criado uma canção para Grace Évora e três temas para o álbum dos Tubarões, "Porton di Nós Ilha". Foi com estes que foi galardoado com o Prémio Compositor do Ano, em 1993, e foram essas músicas que o tornaram estrela, segundo Vladimir Monteiro. Apesar de ainda não terem "traços do que viria fazer" dois funaná e uma coladeira, introduzem "uma lufada de ar fresco no disco dos Tubarões, dando mais ênfase ao trabalho" do grupo.

"Nasceu para o palco, para a música. Mas quando parava e tinha que falar ao público, voltava ser o homem tímido. Quando estava a tocar com outros não procurava colocar-se em evidência", descreve Vladimir Monteiro.

Talvez também por isso nem todos os que assistiram a "História da Dúvida", em 1998, no CCB, tenham reparado que entre os músicos no palco lá estava Pantera. Talvez isso explique ainda a sensação com que Andermatt ficou da sua presença: "uma cara muito aberta, que tinha a ver com a entrega às pessoas, à vida; um corpo fechado, com os ombros virados para dentro" pela "timidez latente" de alguém "extremamente inseguro, sem razão para o ser".

Quando Andermatt e João Lucas se encontraram com ele em 1998, os dois viajaram até Cabo Verde para fazer audições para "História da Dúvida", a coreógrafa já havia reparado na "luz e brilho" do músico que tocara no Trindade, em Lisboa, durante "Até ao Fim", coreografia que Manu Preto, director da Raiz de Pólon, levou para Portugal em 1997.

Segundo João Lucas, naquele encontro, em que foram ouvidos 20 músicos, Pantera tocou três minutos. "Havia algo que transcendia a performance, a relação dele com a música, a forma como o corpo vibrava, as expressões físicas de quem tem um grau de musicalidade elevado. Todo ele vibrava, não era capaz de cantar sem ser com o corpo todo".

Numa entrevista feita por Catarina Alves Costa no seu documentário, Pantera descreve o

seu trabalho com teatro e dança: "Não se reproduz só o que se ouve, mas também a pessoa, o homem ou a mulher do interior de Santiago; enquanto se toca tem que se olhar a sua boca, o seu cabelo, a sua raiva, se salta de alegria... Tem que se fazer igual, está-se a imitá-lo, reproduz-se o que se ouve, o que se olha, o que se sente".

E acrescentaria sobre a sua experiência de pesquisa na aldeia de Mato Sanches: "Fiquei muito surpreendido com o comportamento das pessoas, a maneira como vivem, como recebem, o modo que consideram a religião, a simplicidade. São pobres e miseráveis, mas alegres e sinceros. Isto é tudo coisas que aproveito no meu trabalho: esta sinceridade, esta alegria, esta tristeza, esta espontaneidade e força à volta de música."

"É preciso observar, viver e guardar na alma".

À maneira do homem do campo. Na altura em que começou a dar espectáculos, levava as camisas e calças à boca de sino "à maneira do homem do campo", pormenores que ia anotando nos seus papéis - muitos deles a mulher não consegue decifrar, daí que tenha o projecto de reunir tudo para alguém escrever um livro sobre o músico cujas expressões a cantar reproduziam "os homens e as mulheres cabo-verdianas do campo", como descreve Daniel Ribeiro (Nhelas), amigo de Pantera.

Eram estas expressões, o trabalho com o corpo e a recriação do ambiente onde nasceu e cresceu, que Pantera levava para o palco. "Tocava de forma moderna, batia nas cordas como os músicos de rock. Na sua técnica não havia nada de tradicional e era isso que fazia a diferença. Já a cantar, havia semelhança com as cantadeiras de finaçon, na forma como entoava uma frase, outras, como os rappers, ia non stop", define Vladimir Monteiro.

O que é que era inovador? "O facto de Pantera juntar as duas partes que compõem o batuque, o finaçon (textos) e a sambuna (ritmo), com o violão e a voz, fundindo ainda vários estilos (jazz, rock, pop, música africana, brasileira...)"

Raul conta que Pantera escrevia tudo o que pensava e anotava até "os passos que dava no palco". "Escrevia sobre os rituais de morte, a alimentação, a forma de vestir das mulheres e dos homens, o casamento, o nascimento, o baptismo..."

Segundo contou Pantera a Catarina Alves Costa: "Com oito anos já tinha uma certa apreciação da arte e música, influências de ter crescido em Angola e de ter ouvido géneros afro, ritmos que interiorizei. Com 15/16 anos comecei à procura do que é tradicional em Cabo Verde, a ter curiosidade em explorar os géneros que considero um pouco rudes em termos de trabalho técnico, que é muito bonito, mas que em termos melódicos é repetitivo e monótono. Por isso criei um novo rosto e um novo ambiente no batuque e na tabanca.



Na tabanca utilizo búzios, que considero um instrumento sublime, utilizo tambores que acho que combinam muito bem com os búzios, e tento explorar ao máximo a voz e o feeling do músico".

Pantera "queria ideias mil", conta Raul Ribeiro. Ângelo, também dos Arkorá, recorda que com ele ouvia do jazz americano ao afro-cubano, da música clássica ao coral, discos que trazia de cada sítio por onde viajava. Charlie Parker, Louis Armstrong, Pat Metheny, George Benson, Caetano Veloso, Djavan, Gilberto Gil, Tom Jobim, Paco de Lucia... De Portugal levou Mário Laginha e Maria João, também Bernardo Sassetti e outros - Djudja, que chegou a partilhar casa com ele em Portugal, diz ainda que Pantera gostava do fado.

Nunca se vai saber como seria o primeiro disco de Pantera. Nem ele próprio o havia definido. "Eram várias as ideias que surgiam de dia para dia", diz Carla. João Lucas notou em Pantera, nos últimos meses de 2000, "ansiedade e ao mesmo tempo uma grande indefinição estética".

"Havia sinais de sucesso. Foi convidado para o Festival da Baía das Gatas [homenageado no Festival da Gamboa], para compor a música para o filme de Flora Gomes ['Nha Fala']...". Ficou com a sensação que Pantera "tinha consciência das suas capacidades, mas não era empreendedor".

"No dia em que morreu, Orlando Pantera tinha o estúdio marcado com Elísio Lopes, em França. Seguiria depois para Portugal e daí para o Brasil e Holanda. O produtor cabo-verdiano radicado em França desde os 13 anos tinha-o ouvido pela primeira vez em Janeiro, em casa do músico Geraldo Mendes. Não teve dúvidas de que queria produzir o seu disco; não tem dúvidas de que ainda o quer fazer, a título póstumo. "Tive um choque artístico. A maneira dele tocar viola, de cantar e interpretar... Chorei quando o vi, cheguei a pedir desculpa de estar tão emocionado, de ter a honra de o ouvir. Pela primeira vez na minha vida escrevi uns versos. Eram sobre a luz".

Carla sempre gostou de uma música que várias vezes pedia ao companheiro para ouvir. Chamava-se "Dispidida". Diz ela:

"Agora vejo que teve algum sentido ele morrer. Nessa música ele fala da dor que passou e ele próprio procurou, de não ter feito nada do que queria, de não estar bem em lado nenhum, deitado não sabe o que fazer, de pé não sabe o que fazer".

Pantera morreu a 2 de Março de 2001 em circunstâncias trágicas. A sensação foi de ter perdido um artista singular que vinha mudar por completo a perspectiva que se tinha da música tradicional de Santiago e da música cabo-verdiana, abrindo grandes oportunidades a toda esta geração chamada de "Geração Pantera".

Hoje, Pantera é a ponte que nos liga às nossas raízes! Para trás ficou o sonho de uma vida dedicada à música e à cultura. Mas ficou também a obra, a humildade de um espírito iluminado, e a frustração de não se ter feito o suficiente para manter viva esta chama que se acendeu na cultura cabo-verdiana.



### **Biografia De Orlando Pantera:**

Orlando Pantera -Um mito em construção.

Chamava-se Orlando Monteiro Barreto, mas todos o conheciam por Orlando Pantera. Pantera, porque quando criança adorava revistas da Pantera Cor-de-Rosa, hábito contraído em Angola, para onde os pais o levaram com um ano (regressou a Cabo Verde em 1976, aos nove). Como andava sempre com as revistas, os amigos, num subúrbio da Praia, passaram a chamá-lo "Orlando Pantera". O nome ficou e hoje está fadado a ser um dos mitos musicais de Cabo Verde. Como que a prever a sua morte, um dia escreveu numa composição: "Ó ki'm morrê antes tempo ressuscitan sem licença"/"Quando eu morrer antes do tempo me ressuscitam sem pedir licença". Esta é a sua biografia.

Considerado a mais importante revelação musical de Cabo Verde da última década, morreu jovem, a 1 de Março de 2001, depois de uma indisposição repentina que todos julgavam ser passageira. Um ou dois dias antes tinha actuado no Quintal da Música, espaço cultural criado na Cidade da Praia há seis anos, em que fazia as honras da casa às quintas-feiras. Horas antes de ser internado, tinha estado com os amigos num "hora di bai", convívio de despedida em homenagem a quem ia viajar.

Quem ouviu as suas actuações nos últimos tempos, no Quintal da Música, no Pub Cruzeiro, no Parque 5 de Julho, nos festivais da Gamboa (Praia), Baía das Gatas (Mindelo) ou Sete Luas Sete Sóis (Santo Antão), sabia que o trabalho que iria gravar seria um dos momentos marcantes da música cabo-verdiana.

Antes de estar pronto, "Lapidu na Bô" já era um sucesso entre admiradores. Hoje, alguns amigos procuram levar avante o projecto, como cumprimento de promessa ao músico morto, mas todos sabem que não será a mesma coisa. No máximo, será um esboço do sonho de seu criador, já que o estilo de música por que vinha enveredando era absolutamente pessoal.

Revolução. Depois do fenómeno Carlos Alberto Martins (Catchás), o homem que no final dos anos 70 "transportou" a música rural da ilha de Santiago para os centros urbanos, depois de electrificá-la, morrendo também prematuramente em 1988, aos 36 anos, Pantera vinha operando outra revolução. Diferente daquela realizada pelo seu ídolo Catchás e os Bulimundo nos anos 70 e 80, diferente da que vem sendo realizado pelo grupo Ferro Gaita desde que há oito anos despontou com força, dando um novo impulso ao funaná, batuque e outros ritmos de Santiago.

A revolução de Pantera era mais discreta. A dele era uma música acústica e experimentalista, com influências afro-americanas, mas também profundamente cabo-verdiana. Pantera era uma síntese de Catchás, Antoni Denti D'Oro, Codi di Dona, Ano Nobo, Sema Lopi... Como esses trovadores, mergulhou nas raízes do mundo rural da ilha de Santiago, transformando cada composição numa crónica musical, revestida com ritmos que fogem aos géneros tradicionais. Como disse alguém, andava a criar o seu próprio género musical.

O álbum a ser gravado seria o resultado desse experimentalismo. Seria o sinal de que tinha chegado a sua vez, depois de várias das suas composições terem sido gravadas por diversos cantores e grupos cabo-verdianos. É visível o sentimento de perda profunda que deixou entre os amantes da música cabo-verdiana: a morte levou Pantera quando ele apenas começava a esboçar as suas potencialidades.

As colaborações profissionais nos últimos cinco anos de vida terão valido, talvez, toda a vida (breve) deste jovem nascido no interior da ilha de Santiago, em Novembro de 1967. Esteve em Portugal, França, Holanda, Brasil, EUA e outros países, em digressões, até que a saudade da família falou mais alto, regressando a Cabo Verde, sem deixar de continuar a assumir a música a tempo inteiro.

Para trás tinham ficado experiências musicais, numa espécie de rito de passagem, até chegar aos Arkorá, banda formada por jovens e talentosos músicos. Nos anos 80, integrara vários grupos, dentre eles o Pentágono e o Quinteto Capaverdeans Jazz Band. Mas, mais importante, o seu nome passou a ser uma referência musical a partir do momento que Os Tubarões gravaram, em 1993, algumas das suas composições, nomeadamente "Tunuca", no CD "Porton di Nôs Ilha", e principalmente no último álbum da cantora Lura, "Di Korpu Ku

Alma”.

A descoberta, ao que parece, pertence ao vocalista desse grupo hoje extinto, Ildo Lobo, que incluiu no último álbum de Os Tubarões três peças do jovem músico. Bastava dizer que Orlando Pantera era o criador de "Tunuca" para logo se saber de quem se estava a falar. No entanto, entre "Tunuca" e as suas composições mais recentes existe uma enorme distância: tornaram-se mais complexas, sendo patente ressonâncias do jazz e de ritmos afro-americanos. Guitarrista e baixista, Pantera mergulhou também na percussão, retirando sons dos objectos mais inimagináveis.

Aprendeu os primeiros acordes, em Luanda, numa viola construída a partir de uma lata de azeite (há, em Cabo Verde, quem faça assim violinos). Mais tarde, já de volta ao país natal, aprofundou os seus conhecimentos com o professor de música Kubala. Em 1993 conheceu um músico cabo-verdiano, com formação em jazz, Ney de Belinda, com quem privou e que o introduziu nesse género durante um ano.

"Claro que o tempo foi insuficiente", confessou Pantera, "já que tentou transmitir-me em um ano o que devia estudar em cinco anos num conservatório. Uma das coisas que sempre me recomendava é a de que, para sermos bons músicos, temos que aprender a ouvir. E isso é verdade."

Aberto que lhe foi o caminho, Pantera escolheu os seus ídolos (Catchás, Kaká Barbosa, Ano Nobo, Manuel d' Novas...), foi-lhes descobrindo os segredos e inventando os seus. Fez-se adulto, músico estimado, mas nunca perdeu o ar de criança, com um sorriso largo e inocente, sempre acompanhado com o violão.

Conta Glória Martins, antiga presidente do Instituto Cabo-Verdiano de Menores, que um dia um jovem lhe apareceu no gabinete à procura de trabalho. Ela perguntou-lhe pelas habilitações literárias e ele respondeu que não tinha terminado o 9º ano, não sabia fazer nada, mas que gostava de crianças... Martins deixou-se render e decidiu dar ao estranho a oportunidade que ele lhe pedia, contratando-o como animador social. Foi o primeiro emprego de Orlando Pantera.

Trabalhou na recuperação de crianças, palmilhou a ilha de Santiago, captando a filosofia de vida das pessoas. Além de procurar mostrar o caminho da vida aos seus alunos da Aldeia S.O.S. da Assomada, ensinava-lhes os segredos da música. Era adorado. Desse contacto com a realidade resultou um conhecimento mais profundo da ilha maior de Cabo Verde, fonte principal das composições deste músico que escrevia músicas como quem faz "leads". "Quando componho, as primeiras exigências são a de ter presente os seguintes elementos: quem, quando, como, porquê e onde", disse um dia.

Cinco anos após a sua morte, a música e a imagem jovial, simpática e alegre de Orlando Pantera continuam por aí, "lapidu" (colado) naqueles que conheciam o seu valor e sabiam o que ele ainda tinha a dar a Cabo Verde.

### **3.2 Exemplo de alguns autores desta modalidade musical**

#### **“Novo Batuque”**

Nos últimos dez anos, tem-se verificado um alargamento e valorização de vários artistas que se destacam no designado “Batuque da Nova Geração”.

A Lura, o Tcheka, o Princezito, a Mayra Andrade, o Vadu, Gamal e o seu grupo Obá, Mário Lúcio e o grupo Ferro e Gaita, são alguns dos exemplos mais notáveis, dessa modalidade musical, sem se esquecer dos variadíssimos grupos que estão a surgir por toda parte da ilha. Alguns exemplos: o grupo “Pó Di Terra”, “Batuquinhas de Cidade Velha”, “Terreiro dos Órgãos”, “Batucadeiras de Monte Agarro”, entre outros.

Lura é uma jovem descendente de cabo-verdianos nascida em Lisboa, Portugal. Uma das mais promissoras vozes da música cabo-verdiana da actualidade. Lura laureia em diversos ritmos: da morna ao “Rythm’n Blues”, do Pop ao Jazz, do Batuque à Tabanca, com igual agilidade.

A jovem cantora já é tida como a precursora do que seria a “Nova Música Cabo-verdiana”, o designado “Novo Batuque ou Geração Pantera”

Iniciou-se na vida artística aos 17 anos, participando na gravação de coros e duetos com vários músicos africanos. O seu talento vocal, desde logo reconhecido, levou-a a participar em diversos trabalhos discográficos de conceituados artistas africanos radicados em Portugal. Alguns dos seus registos foram com Cesária Évora, Bonga, Tito Paris, Paulino Vieira, Kimany Marley (filho do Bob Marley), entre outros.

Em 1996, gravou o seu primeiro disco, “Nha Vida”, que foi marcante na época. Este álbum proporcionou a participação da Lura em 1997, na compilação “Onda Sonora Red Hot + Lisbon”, ao lado dos brasileiros: Caetano Veloso, e Djavan; Teresa Salgueiro, Marisa Monte, António Chainho, Alto Lindsay, entre outros.

A artista já participou nos diversos projectos e já actuou nos variadíssimos palcos, em todos os continentes. Recebeu vários prémios, principalmente depois do lançamento do trabalho mais recente, em 2005, em que quatro composições são do prestigiado músico e compositor Orlando Pantera.

Desde logo nas fulgurantes interpretações do malogrado Orlando Pantera, desaparecido prematuramente como o saudoso Katchas, (de quem Lura também canta, no ultimo disco, a canção “To Martins”) “Batuko”, no arranque do CD é um poderoso cartão de visita e abertas as portas que já não são possíveis fechá-las.

A cantora Lura esteve no mais recente festival da Gambôa na Cidade da Praia, onde foi um dos sucessos mais esperado.

***O objectivo fundamental da cantora, segundo ela, é “Dar Visibilidade À Tradição”. Ou seja, a par da sua função lúdica, o trabalho da Lura na música de Cabo verde tem uma dimensão que quase se poderia caracterizar como antropológica. A cantora vai buscar às profundezas da idiossincrasia do cabo-verdiano os temas e os conteúdos das cantigas que interpreta, alguns dos quais ela mesma compõe. Outras pedem emprestados aos jovens compositores, como Tcheca e Orlando Pantera (já falecido), cujas composições espelham as realidades que infelizmente tem sido poucas valorizadas.***

A Morna e a Coladeira fazem parte do repertório da Lura, mas as principais opções da cantora não são essas porque na opinião dela, esses dois géneros “graças a Deus sempre estiveram e continuarão a estar muito bem divulgados”, razão pela qual revela uma “inclinação maior para os géneros menos divulgados, como por exemplo o Batuco, a Tabanca, e em certa medida o Funaná”.

Lura acrescenta que “*enquanto artista empenhada na valorização da cultura cabo-verdiana, não me preocupam a Morna e a Coladeira, visto que estes já têm os seus espaços próprios*”. Daí a opção da cantora, de privilegiar os géneros que “*precisam de maior visibilidade*” e que também são na opinião dela “*fabulosamente ricos e bonitos*”. De entre esses, a artista destaca o Batuco, pelo qual confessa estar “*perdidamente apaixonada*”, não deixando de lado também a Tabanca e o Funaná.

Como diz o escritor José Eduardo Agualusa, “na música cabo-verdiana o futuro já tem nome – chama-se Lura”.<sup>1</sup>

Tcheka (Manuel Lopes Andrade) é um outro talento do país do ritmo mais africano, Cabo Verde. Nasceu a 20 de Julho de 1973 na ilha de Santiago. Desde muito cedo que se habitou à música com os ensinamentos do popular violinista Nhô Raul Andrade, seu pai.

Quando fez 18 anos, veio para a Cidade da Praia, onde se tornou “cameraman” para a televisão nacional, trabalho esse, que lhe alargou horizontes. Começou a ouvir novas músicas e a aprender novos sons. Conheceu o jornalista Júlio Rodrigues e juntos começaram a tocar em bares, daí até gravar o seu primeiro álbum.

Segundo Tcheka, o *seu objectivo é fazer do Batuque um ritmo universal e refere que «nunka Nfazi muzika pa Nba longi. Nkré E ten espaso pan toka»*.

Acrescenta que o Batuque é muito característico da ilha de Santiago, que era aí a maior concentração dos escravos. Tcheka diz gostar do som e “comecei a trabalhar nesse sentido. Antes só tocava morna e achei que deveria tocar uma coisa diferente. Como o Pantera já tinha iniciado e não concluiu, achei por bem seguir as suas pegadas”

Segundo Tcheka, o seu primeiro álbum «Argui» foi uma grande experiência para ele. Incutiu vários sons, porque a intenção dele na música é fazer coisas novas, ritmos diferentes sem perder a base cabo-verdiana. Tchabeta foi um dos ritmos que o artista utilizou, trazendo assim a música dos escravos, o Batuque, misturado com a guitarra. Ele salienta ainda que canta em crioulo mas não é por acaso. “Tenho vontade de assegurar que o crioulo não perca a sua identidade, ele é parte da nossa raiz”.

Tcheka compôs duas músicas, «Tabanka assigo» e «Ma n’Ba Dês Bês kumida Da» para a Lura. Esta gosta das composições do Tcheka.

O mais recente álbum do Tcheka, «Nu Monda», editado pela Lusafrica, revela mais um estudo da raiz cabo-verdiana. «Nu Monda» segundo o cronista, quer dizer o retirar das ervas daninhas, ou seja o eximir daquilo que não nos deixa crescer.

---

AGUALUSA, José Eduardo, In África Lusófona. Revista Mensal, ano 3 – nº 26, Abril 2005.



Tchekeka ganhou em 2005 no Dacar o prémio Rádio França Internacional Músicas do Mundo. Tinha sido nomeado pelo seu último trabalho discográfico e que mereceu críticas favoráveis da imprensa inglesa e francesa, nomeadamente das revistas “Le Monde 2” e “Comptinental”.

A esta nova geração de talentosos artistas que tinham apostado na música tradicional de Santiago, Pantera trouxe a mensagem: “**BATUKO STA NA MODA**”. Para eles, foi como uma afirmação das suas convicções e os resultados estão aí para todos os que se interessam pela música de Cabo Verde: Tchekeka, o caso de maior sucesso neste grupo. Cantor, músico e compositor extremamente engenhoso. Já conta com dois discos gravados e que para além de ter ganho o prémio RFI, tem sido alvo de óptimas referências da crítica internacional, bem como uma agenda bem recheada de concertos;

Vadú prepara-se para gravar o seu segundo disco e tem conseguido viver do seu talento; Mayra conseguiu um contrato com a Sony Music e prepara-se para gravar o seu primeiro trabalho a solo, para além de ter sempre uma agenda de espectáculos bem preenchida, tanto quanto consta; Gamal e o grupo Obá preparam-se para gravar o seu segundo disco e segundo Gamal também eles irão incluir neste álbum alguns temas de Pantera.

Princesito, um dos maiores talentos deste grupo e que em conversa de amigos já foi referenciado como o sucessor de Pantera, parece caminhar cada vez mais no sentido da sua confirmação. Falta-lhe uma banda suporte à altura. Pela sua participação em alguns discos em que tem participado, conseguiu fazer-nos crescer água na boca. Aguardamos ansiosamente pelo seu primeiro trabalho a solo.

Neste grupo, podemos ainda incluir o grupo de dança contemporânea “Raiz di Polon”, com o qual Pantera chegou a trabalhar após o seu regresso de Portugal. Pelo sucesso que já tinham alcançado, fazendo dança contemporânea assente nos ritmos do Santiago profundo e por terem sempre acreditado no seu talento inquestionável, são obrigatoriamente uma referência neste movimento que se gerou à volta deste Senhor da música de Cabo Verde. Até mesmo Lura, que não chegou a conhecer Pantera, acabou por usufruir desta aura que se gerou no seio deste movimento em prol desta nova génese da música crioula.

### 3.3 O Batuque Na Diáspora:

O Batuque, símbolo da resistência cultural da ilha de Santiago, é movido na diáspora por milhares de pessoas. Para além dos nomes referidos anteriormente, que fazem com que esta modalidade musical se alastre além fronteiras, outros grupos, “finkam pé” para que esta identidade cultural nossa se permaneça.

O Grupo de Batuque “Finka-Pé” é um dos exemplos. Surgiu em 1988 no Bairro Alto da Cova da Moura, concelho da Amadora, no âmbito das actividades desenvolvidas pela Associação Moinho da Juventude. Este grupo tem o mesmo nome do objectivo da revista “Claridade” fundada em 1936, em São Vicente, por Baltasar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes.

Inteiramente formado por mulheres cabo-verdianas que habitam no bairro, *este grupo dedicou-se à prática do batuque por razões de várias ordens: divulgação da cultura cabo-verdiana, auto valorização das suas componentes e manutenção das tradições do seu país.*

Segundo Jorge Castro Ribeiro, antes da fundação do Grupo, e numa linha de fidelidade à tradição cabo-verdiana, no bairro faziam-se já batuques, ou batucadas como é também costume dizer-se em ocasiões festivas da comunidade: casamentos, baptizados ou outras reuniões familiares. No entanto, não havia entre os cabo-verdianos uma consciência do valor cultural do Batuque.

A direcção do Moinho da Juventude apoiou por todos os meios a formação do Grupo de Batuque “Finka-Pé” e a sua institucionalização. A partir das primeiras actuações, e graças ao alto nível artístico das componentes do Grupo, começaram a surgir os convites para actuar fora do bairro; hoje torna-se difícil dar resposta a todos os convites que lhe são dirigidos, até porque as mulheres que o compõem, trabalham e têm também a sua vida familiar.

Duas grandes áreas culturais estão na génese da cultura cabo-verdiana: por um lado a cultura europeia, transmitida pelos portugueses que descobriram e colonizaram o arquipélago e, por outro, a cultura africana, recebida através dos inúmeros escravos que para lá foram levados. Desde sempre, no entanto, uma e outra influência se fizeram sentir mais fortemente nesta ou naquela ilha, em particular nas duas principais, Santiago e S. Vicente, onde é nítida a diferença das influências culturais marcantes.

S. Vicente com os seus géneros musicais característicos, a Morna e a Coladeira, denuncia



àqueles dois individualmente. Esquemáticamente, o que se ouve, representa-se assim:

XXXXX XXXXX XXXXX XXXXX XXXXX XXXXX XXXXX

Todas as mulheres que formam o “Finka-Pé” aprenderam o Batuque em Cabo Verde durante a sua adolescência segundo o processo tradicional de transmissão oral. A aprendizagem da música e da percussão é feita por imitação nas primeiras vezes em que participam em batucadas.

Quanto à dança, é treinada e experimentada entre as jovens quando vão fazer recados fora de casa, longe de quaisquer olhares curiosos, até se sentirem com coragem de se exhibir no terreiro.

O Grupo de Batuque “Finka-Pé” é, no contexto português, um magnífico exemplo de recriação desta tradição musical cabo-verdiana. Nele, não só existe um grande envolvimento das mulheres, como entre elas se encontram excelentes cantoras e dançarinas deste género musical. Por essa razão o “Finka-Pé” foi já convidado para importantes actuações, como as da EXPO 92 em Sevilha e do ACARTE, entre muitas outras de significativo relevo artístico.

O repertório cantado pelo Grupo é sobretudo baseado em cantigas de batuque de Cabo Verde. No entanto, devido à sua função interventora, estas cantigas são naturalmente adaptadas num processo improvisado em função dos locais onde o grupo actua e das pessoas que estão a assistir. Os temas de grande parte das cantigas interpretadas pelo Grupo “Finka-Pé” relacionam-se com a difícil condição feminina das suas componentes e com os problemas concretos com que elas têm que se defrontar no dia a dia da sua vida em Portugal.

Resta dizer que o Batuque é uma parte integrante da vida de todas as mulheres do grupo “Finka-Pé”. Foi este o som que marcou a alegria dos momentos importantes da sua vida pessoal e dos seus entes mais próximos: casamentos, baptizados, festas em honra dos familiares, celebração da independência nacional, e todas as outras cerimónias que marcam as pessoas. Para estas mulheres tais momentos foram embelezados por esta força rítmica e por este canto que sai pela boca vindo do coração.

**Fotografias Do Grupo «Finka Pé»  
Em Portugal.**



## Capítulo IV

### 4.1 Exemplos de Algumas Composições Produzidas por estes Artistas – “Geração Pantera”

#### **BATUKU**

*(Música e letra: Orlando Pantera)*

”Nha guenti dento sedo

Alguen tchoma`n pa`n soma na poial

N`ton mi kantu n`sai oh,

Es fla`n ma Batuku sta na moda

Ba Rubon Manel es convidam festa casamento

Dixi pa Rincon es convidam batizadu

Na Kutelinho n`atcha guentis na rubera,iei

Batukaderas ta rapica torno ku tchabeta, eh

Eh nha kumadri di zimola Ka nha fla`n nada más

A mi dja`n odja ma batuku sta na moda

Primero N'ba di riba  
 Dispôs n`dixi baxu  
 Di modas ki n`ka guenta  
 N`toma panu na mocinhos

Oia,  
 Oi ia ia  
 Oi ia ia  
 Oi ia ia”

## **Tabanka Assigo**

*Manuel Lopes Andrade (Tcheka)*

“Hielele le le le... Hielele le le le...

Tabanka di Tchan di Tanqui

Djunta tabanka Achada Leite

Ês reuni ês toma troca

Pa manifesta Assomada

É bonito pega mudjeris di saia gaita gaita

Homi cu calsa ramangado, oto cu cruz na mon,

Otu cu bandera, otu cu spada ...

Sima Tiriva nton,

Pé na tchon, pé rixo ta massa spinho ta bai.

Depôs pa bu odja quês mudjeris tudo na renqui si.

Cu munti fita, di coris sima verde, amarelo, cor de rosa, castanho, branco...

Ma mas bonito ainda é pa odjas ta canta assi”

## **RABOITA DI RUBON MANEL**

*Música & Letra: Orlando Pantera*

”Na 1910 mosinhos

Raboita di Rubon Manel

Djes leba nhos mudjei, djes prendi nha guenti

Pamo kel um dôs gran di purga

Eh eh eh forti duedo na mundo

Eh forti passa mal tamanhu

*Refrão*

Xila di Pala ka meresi ba kadia

Nhanha Bombolom ka mereci ba kadia

Maridus tudo dizorientadu

Pamo mudjeres sta fitchadu

*Refrão*

Djes perdi tinu es ca sabi undi es ta bai

Nhanha Bombolom mixa bragero na boca

Soldado tranka pe na pedra da totis na tchon

Nha guenti djes kori es bai ses kaminhu

*Refrão*

Djes manda tchoma Padri Duarte

Kela go nada ver ca tem

Djes fazi diskursu bunitu

Ma li na tchon ki nu sta”



## MA'N BA DÊS BÊS KUMIDA DÂ

*Manuel Lopes Andrade (Tcheka)*

“Cumpradre nhu odja tempo la ta bem  
 Pistam punhal di nhô ku pó di nhô  
 Pam bá ncunha nha inchada boca mon  
 Mamba dêś bês comida da na Achada Banana  
 Hie heee heee, hie heee heee hie heee heee  
 Mamba dêś bês comida dâ  
 La na Gantchemba  
 Nalado di casa nhu Ntoni tchon di massa pê  
 Subi tcham grandi encontrá cu mamae Dora  
 Hie Jony, mamba dêś bês dja bu squecem  
 Tum tum tum beá tum tum beá tum tum tum beá  
 Oh nha kumadi la di riba  
 Odjam korbu na nha lugar  
 djês ka Kumen nha midjo  
 Ê ano li na Achada Banana  
 Odja modi quê sta  
 Bistido só di preto  
 Djês ka cumem nha midjo  
 É ka pa buam na nha lugar  
 Hie hie hie Tchabeta , Tchabeta Tchabeta  
 Tchabeta mula é brabuê ca ta buam  
 Tum tum tum beá tum tum tum beá”

## NARI NA

*(Música e letra: Orlando Pantera)*

”Na ri na , oh na ri na

Na ri na , nu ta brinca só iá iá

*Refrão*

Eh mocinhos, eh ca nhôs flan nada

Oxi pelu menus mi`n kre brinka só iá iá, eh iá iá

*Refrão*

Mosinhos di Praia Baxu, eh eh ka nhos fla nada

Oh oh ka nhos buli`n, mi`n kre brinka so iá iá, oh iá iá

*Refrão*

A bo mosinhu di Praia Baxu, eh eh si bu da`n

Oh oh si bu da`n, n`ta brinka só iá iá

*Refrão*

A bo Bitori di Praia Baxu, eh eh ku bu kaxola

Oh oh ka da pa nada, nu ta brinka só iá iá

*Refrão*

Mosinhos ka nhos fla nada, eh eh Codé di Dona

Oh oh ku si gaitona, nu ta brinca só iá iá, oh iá iá

*Refrão*

A bo mosinhu, mosinhu Praia, eh eh Praia é sabi

Eh eh Praia é prigo, bu ta brinca só iá iá”

*Refrão*

# **VAZULINA (Zoi)**

*(Música e letra: Orlando Pantera)*

”Zoi manxi sedu ku n`ganha na mon  
Ta grabata na meu di manduxu  
Si ca staba ninhum tistonzinhu  
Pe bistiba bazofu  
Pe po rostu pa Praia  
Djobi rapariguinha

Zoi, ki minina di Praia satadja  
Toma-l si dez tuston kruzado  
Ke teneba na si sakutelu  
Pa ba disfrisaba kabelo  
Ku penti di ferro kenti  
Ku vazulina  
Ku penti di ferro kenti  
Ku vazulina”

## 4.2- Análise dessas composições:

“O Batuko”, composição de Orlando Pantera, é uma das produções que teve maior êxito e reflexão positiva por parte dos críticos.

Esta música retrata os aspectos folclóricos da ilha de Santiago, que é o Batuque. Pantera mostra-nos como esta modalidade musical tem impacto no interior da ilha. Nos casamentos, nos baptizados, nas ribeiras onde se apanha água é visível a pratica desse sincretismo cultural. O “Batuko” faz parte da vivência do povo cabo-verdiano.

Como diz nesta composição, “Batuque sta na moda”. Já é uso. Pratica-se em qualquer lugar, e as pessoas não aguentam a não aderir. “Di modas ki N’ka guenta / N’toma panu na mocinhos.”

Também a segunda composição, “Tabanka Assigo”, de Manuel Lopes (Tcheka) mostra como é vivida a Tabanca, uma outra manifestação cultural cabo-verdiana de grande destaque, em Chã de Tanque e Achada Leite. Duas comunidades em que a prática de Tabanca é frequente com muito ritmo e coloração. “Depôs pa bu odja quês mudjeris tudo na renqui si. / Cu munti fita, di coris sima verde, amarelo, cor de rosa, castanho, branco”.

As cores são elementos fundamentais para o ritmo da Tabanca, pois simboliza a vida, a alegria e o dinamismo do grupo da Tabanca.

“Raboita Di Rubon Manel” é uma produção também de Orlando Pantera, onde faz uma verdadeira retrospectiva histórica.

Em 1910 em Ribeirão Manuel, uma das localidades situada no interior da cidade de Assomada foi palco de uma revolta por parte das mulheres em defesa das suas terras. Estas foram presas, (“Djes leba nhos mudjei, djes prendi nha guenti / Pamo kel um dôs gran di purga”), todavia conseguiram atingir os seus objectivos, porque os colonos sentiram-se obrigados a abandonar o local. “Nha guenti djes kori es bai ses kaminhu.

Pantera consegue dar ritmo e musicalidade a uma história triste e ao mesmo tempo alegre. Triste porque as mulheres foram presas e alegre porque elas conseguiram a liberdade e as suas terras. O cronista consegue enquadrar tudo isso com uma harmonia perfeita.

“Ma N’ba Dês Bês Kumida Dâ”, produzida por Manuel Lopes (Tcheka), retrata o desejo e a esperança dos cabo-verdianos em relação a chuva e consequentemente a fartura.

Nesta composição o cronista Manuel Lopes representa a vivência do dia-a-dia dos camponeses em tempo de as águas, em que os vizinhos fazem empréstimos dos instrumentos agrícolas para fazerem as suas sementeiras. “Pistam punhal di nhô ku pó di nhô / Pam bá ncunha nha inchada boca mon / Mamba dês bês comida da na Achada Banana”.

Cabo Verde é um país insular, em que a falta da chuva é um dos maiores problemas dos camponeses. Por isso, no princípio de Outono, sempre que o céu estiver nublado, o camponês acha que é sinal de bonança. Porém, há também outras pragas que dificultam o crescimento das plantas, que são os corvos e os gafanhotos. “Oh nha kumadi la di riba / Odjam korbu na nha lugar / djês ka Kumen nha midjo / Ê ano li na Achada Banana”.

Normalmente quando os lugares de sementeira são próximos uns dos outros, o vizinho pede ao outro que lhe veja o local, a fim de os corvos não retirem as sementes do chão. Essa prática é frequente no interior das ilhas.

Tcheka descreve todo esse percurso com muito engenho e sabedoria.

As duas últimas composições, “Narina” e “Vazulina” reflecte o quotidiano dos jovens do interior de Santiago em tempos remotos.

“Narina N’kre Brinka só iá iá”, significa que o autor quer divertir-se ou namorar. Ele utiliza a metáfora para não ser indiscreto. É muito comum o uso desta expressão entre os jovens e os adolescentes do interior. São mais discretos e tem mais recato em relação aos jovens da Praia. “A bo mosinhu, mosinhu Praia, eh eh Praia é sabi / Eh eh Praia é prigo, bu ta brinca só iá iá”.

Todas essas produções retratam os aspectos culturais, a vivência, a ideologia, a maneira de ser e de pensar do cabo-verdiano. Estes músicos e compositores vão buscar as nossas raízes nas profundezas da nossa identidade.

### **Conclusão:**

Executar um trabalho desta natureza não foi fácil visto que a maioria dos documentos disponíveis refere-se a procedências primárias, que requer a arte e o engenho de manusear estes instrumentos, para que se cumpra a máxima “*o documento é ponto de partida, os factos pontos de chegada*”. No entanto ficamos com a aprazível percepção de termos atingidos os objectivos preconizados.

Assim, conclui-se que a solidariedade, através da música, provou que a dispersão geográfica pode significar a união da alma de um povo, uma vez que a sintonia perfeita entre os artistas, quer na terra cabo-verdiana, quer nas comunidades emigradas, em torno de Cabo Verde foi sempre marcante. Com efeito, o “Novo Batuque”, ou seja, “A Geração do Pantera” canta-se nas horas de alegria, critica-se em tempos de desmandos, chora-se nos momentos melancólicos, isto é, retrata todo o percurso do povo cabo-verdiano.

O novo Batuque retrata os usos, os costumes, a tradição, a forma de ser e de pensar, em suma, a cultura e a identidade da nossa nação. Nesta óptica, torna-se imprescindível e urgente que reconheçamos o Batuque na nossa literatura, de igual modo como a Morna, a, Coladeira e outros géneros musicais de destaque na literatura cabo-verdiana.

A única forma de fazer sobressair e prevalecer a nossa cultura é através dos escritos ou da literatura, porque como diz o axioma, “*por mais que seja a memória não é comparada como um bocado de tinta no papel*”.

O Batuque ganhou um novo espaço com o Pantera. Este fez com que o Batuque, (uma das tradições mais antigas do arquipélago, que já se encontrava em decadência), se rejuvenesça. Orlando Pantera lançou os alicerces dessa literatura, que a posteriori foi dada

azos pela Lura, Tcheka, Princesito, Vadu, Mayra, entre outras gerações mais novas. Como disse ele, **”Batuko sta na moda”**. Devemos realizar o sonho daquele que foi o Cabral da cultura cabo-verdiana, que morreu na defesa das suas raízes.

O Batuque é, pois, um dos géneros mais representativos do património musical da ilha de Santiago. O seu contexto habitual, aqui em Cabo Verde, constitui momentos importantes de convívio dos cabo-verdianos, na terra ou na diáspora. Por tudo isso que já se disse, cabe a nós crioulos valorizar e salvaguardar a nossa identidade, pois é a única forma de manter vivo o nosso passado e a nossa identidade cultural.

Esperemos que um dia, alguém venha a fazer a verdadeira história desta modalidade musical de Cabo-Verde. É bom e é urgente que isso seja feito, visto que não há futuro sem história.

Fica este contributo em homenagem a aquele que deu a sua vida pelo Batuque e fez com que este ganhe mais espaço, mais ritmo e mais originalidade. Estamos a falar de ***Orlando Pantera, Um cometa.***

### **Bibliografia consultada:**

ALMEIDA, João de. (1934), **A População de Cabo-Verde**. II volume do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial. Porto I Edição.

BECKER, Fernando, FARINA, Sérgio, SCHEID, Urbano. (1980), **Apresentação de Trabalhos Escolares**. Porto Alegre. 17ª Edição – 1997.

BRITO, António de Paula. (1889), **Subsídios para a Corografia da Ilha de Santiago de Cabo Verde**. Boletim da Sociedade de Geografia, 8ª série, Nº 9-10. Lisboa. 1ª Edição.

BRITO, Manuel Semedo. **A Morna Balada, O Legado de Renato Cardoso**. Estudos e Ensaios. Publicom Lda. Praia 1999.

BRITO, Margarida. **Os Instrumentos Musicais em Cabo Verde**. Centro Cultural Português. Praia-Mindelo. 1998.

CARREIRA, António. (1972), **Cabo Verde – Formação e Extinção de uma sociedade Escravocrata**, (1460-1878). Imprensa Portuguesa. Porto. 1ª Edição.

FERREIRA, Manuel. (1986), **Claridade, Revista de Arte e Letra**. A.L.A. 2ª Edição.

GONÇALVES, Carlos. In *Cab Verd Band* (obra a publicar)

LIMA, António Germano. **Boavista, Ilha da Morna e do Landú**. Instituto Superior de Educação. Imprensa Nacional. Praia. 2002

LOPES FILHO, João. Cabo Verde – **Apontamentos Etnográficos**. Edição do autor. Lisboa. 1976.



MARTINS, Vasco. **A Música Tradicional Cabo-verdiana – I.** Instituto Cabo-verdiano do Livro. Praia 1988.

MONTEIRO, Vladmir. **Les Musiques du Cap Vert.** Editions Chandeigne. Paris.1998.

OSORIO, Osvaldo. **Cantigas de Trabalho, Tradições Oraís de Cabo Verde.** Plátano Editora. Lisboa 1980.

RODRIGUES, Moacyr e LOBO, Isabel. **A Morna na Literatura Tradicional Cabo-verdiana.** Instituto Cabo-verdiano do Livro. Praia.1996.

SEMEDO, José Maria e TURANO Maria R. (1997), **Cabo Verde, O Ciclo Ritual das Festividades da Tabanca.** Praia. Spleen- edições – 1997.

SILVA, Alveno Figueiredo. (2003), **Aspectos Político-sociais Na Música de Cabo Verde do Século XX.** Praia. Instituto Camões. 2003,

SILVA, Tomé Varela **Finasons di Na Nasia Gomi.** Instituto Cabo-Verdiano do livro. Praia. 1985.

----- **Konparason di Konbérsu (1280 Ditadu y Senténsa Tradisional).** Instituto Cabo-verdiano do Livro. Praia. 1997

-----**Na Bibinha Cabral. Bida Y Obra.** Instituto Cabo-Verdiano do Livro. Praia. 1988.

-----**Na Gida Mendi, Simente di Onti Con di Manan.** Instituto Cabo-Verdiano do livro. Praia. 1990.

### **Sítios:**

WWW. luracriola. com.

WWW. poditera. com – tarrafal.

WWW. matasede @ Hotmail.com.

WWW.fandataonline. com.

### **Periódicos (Revistas e Jornais):**

*Africa Lusófona*. Revista Mensal. Nº 26. Abril/Maio 2005.

*Fragata*. Revista de Bordo da TACV Cabo Verde Airlines Inflight Magazine. Nº 1. III Série. Abril/ Junho 2005 e nº 4. III Série. Janeiro/Março 2006.

*Fandata*. Magazine. USA. Setembro/Outubro 2005.

### **Monografias:**

BRITO, Maria da Cruz Reis. “A Evolução Histórica do Povoado de Pedra Badejo” ISE. 1999.

BRITO, Paulo Reis. “A Emigração Cabo-Verdiana para São Tomé e Príncipe. ISE. 2001.

### **Entrevistas:**

Os nossos entrevistados são na maioria artistas e compositores desta modalidade literária, conhecedores desta causa, velando para que o Batuque ganhe o seu espaço merecido no país e na diáspora. São essencialmente estes:

Carla Garcia, Lura, Tcheka, o grupo “Po Di Trra”, o grupo Terreiro dos Órgãos, e o Princesito e Gamal.